

Centrão se salva por um só voto

E fica com única saída: negociar para não correr novos riscos hoje

Bateu na trave. Por apenas um voto as esquerdas não conseguiram derrotar ontem o texto base do Centrão para votação do capítulo I do título III, Da Ordem Econômica, onde são tratados os princípios gerais da intervenção do Estado na economia, do regime da propriedade do subsolo e da atividade econômica. Apesar do medo aparente das esquerdas em disputar no voto um dos capítulos mais polêmicos da Constituinte — o líder Mário Covas chegou a pedir verificação de quorum às 14h30 —, no final do placar eletrônico registrou 279 NÃO, contra 210 SIM e 27 abstenções. Com resultado, a sessão foi suspensa e hoje, às 14h30, o substitutivo do Centrão volta a ser apreciado e dependerá novamente de 280 votos para ser aprovado.

Por uma frase contida no encaminhamento do líder Mário Covas contra a aprovação do substitutivo já se podia pressentir que nenhuma das partes ainda tinha certeza absoluta dos votos do plenário. "De qualquer forma, sr. presidente, sairemos daqui vitoriosos porque votaremos contra o texto do Centrão", disse o senador, que desceu da tribuna sob gritos de: "Brasil, Brasil".

A indefinição dos números gerou um clima de ansiedade claramente identificado em todos os cantos do plenário e nos discursos dos parlamentares que encaminharam a votação. Pressentindo a situação, o relator Bernardo Cabral, depois de declarar-se contra a aprovação do substitutivo, pediu a todos que seguissem o caminho de suas consciências. "Radicalizar não será a estrada a percorrer. O primeiro caminho é recusar o texto do Centrão".

O primeiro a fazer uso da palavra foi o deputado Gerson Peres (PDS-PA), para quem a discussão do capítulo encerrava apenas um problema de conceitualização sobre o que é empresa nacional. "Estas lideranças — disse — estão perdendo tempo com tantas reuniões onde são discutidas filigranas. Não podemos admitir uma definição que por si só não pode ser estática". Peres disse ainda que seria um absurdo admitir na conceitualização de empresa nacional a palavra incondicional. "Ela tem que ser riscada. Não podemos tratar nada com absolutismo. Esse não pode ser um dispositivo estático".

NEM XENOFOBIA, NEM XENOFILIA

O deputado Luiz Salomão (PDT-RJ), depois de explicar que estava se pronunciando em nome dos pequenos partidos existentes na Constituinte, disse que o fazia "sem xenofobia, mas

sem xenofilia". O pedetista disse também que estariam sendo discutidos no capítulo as relações que regulam o capital nacional e o capital estrangeiro e ainda a definição das regras para os recursos nacionais do subsolo. "Queremos uma fronteira nítida sobre o que seja empresa nacional, por isso alguns dispositivos nos impedem de utilizar o texto do Centrão, mas tentamos negociar até a undécima hora. Não foi possível. Portanto, quem for brasileiro, siga-nos".

Bonifácio de Andrada (PDS-MG) negou que o Centrão não estivesse disposto ao diálogo. "De forma alguma as lideranças do Centrão se colocaram em posição de radicalismo", justificou. "Temos a palavra de ordem do diálogo. Queremos chegar ao entendimento. Mas é preciso reafirmar que até agora as discussões têm sido feitas com base no substitutivo do Centrão. Negar isso agora seria uma violência parlamentar contra o Centrão, logo na ordem econômica". O deputado mineiro explicou que estava ali defendendo o texto do Centrão por ser ele o mais adequado e o mais moderno para a votação da matéria. "O texto da Comissão de Sistematização na questão da empresa nacional é uma repetição do texto da Lei de Informática, de reserva de mercado. E um conceito tosco, que não interessa ao País. É a economia de reserva de mercado".

EMOÇÃO

O senador Mário Covas, visivelmente emocionado, disse que não seriam necessárias quaisquer considerações para definir o texto do Centrão e o da Sistematização. "As diferenças são do ponto de vista ético e moral". Referindo-se ao artigo 199 — o primeiro do capítulo a ser votado —, o senador ao comparar o substitutivo do Centrão com o da Comissão de Sistematização disse que "no Centrão a livre iniciativa é colocada como um fator mais importante que o trabalho humano, como se fosse possível existir um sem o outro".

Mário Covas disse ainda que se sentia indignado com as declarações do líder do PFL, José Lourenço, que pela imprensa mandou as negociações para "o raio que os partam". "Quer dizer, sr. presidente, que é muito fácil ser democrata em determinadas situações. O difícil é negociar quando se está na maioria". O senador paulista disse finalmente que entregaria à sua bancada um texto sobre empresa nacional e intervenção do Estado na economia nacional, concebido na convenção nacional do PMDB.

Quando o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, realizou às 15h10 a primeira e definitiva verificação de quorum da sessão e o placar eletrônico registrou 210 nomes, Mário Covas tentou fazer valer a decisão de Arbage. Ulysses, pacientemente, lembrou que já era norma da Casa permitir que outros membros da Assembleia, que se encontravam fora do plenário, fossem aos poucos registrando seus nomes. Com o resultado de 236 presentes, a sessão prosseguiu com o encaminhamento da votação do capítulo I, a partir das 15h25.

IMPACIÊNCIA

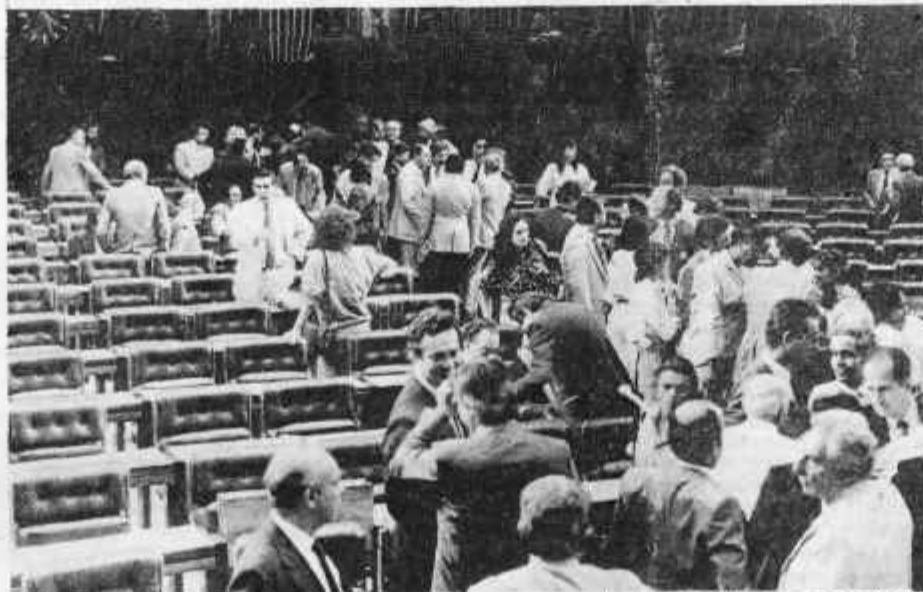
Como em toda votação decisiva, o Centrão se mostrou impaciente diante dos oradores que falaram contra o substitutivo. Os centristas chegaram a pedir ao senador Mário Covas para parar de falar, alegando que seu tempo na tribuna estava esgotado. Como resposta, ele lembrou que já foi calado por outros mecanismos, que lhe cassaram o mandato.

Só depois do resultado do Centrão mudou seu comportamento. A sessão foi encerrada, com a votação do mesmo capítulo transferida para hoje, mas o plenário continuou lotado, com quorum suficiente para qualquer decisão. Os centristas saíram pela direita; os outros, pela esquerda, aguardando o voto decisivo para as 16h15 de hoje.

FOTOS: GIVALDO BARBOSA



A esquerda tentou obstruir a sessão, usando o quorum baixo do início



Não deu certo, a votação surpreendeu e as negociações acabaram reabertas



Com medo de perder hoje, Daso, minutos depois, já mobilizava os centristas

Passarinho não fala e culpa a intransigência

A arrogância de alguns parlamentares e a opção pela intransigência motivada pelo excesso de confiança, custaram ao Centrão nesta primeira votação da Ordem Econômica a perda de uma arma importante. Irritado com a falta de disposição do grupo para fechar o acordo, o senador Jarbas Passarinho não aceitou o convite insistente que lhe foi feito — inclusive pelo líder do governo Carlos Sant'Anna — para encaminhar o texto do Centrão favoravelmente na tribuna. Tazendo um texto que foi negociado pelo deputado Luiz Roberto Ponte com o grupo do líder Mário Covas, Passarinho revelou que o impasse teria sido contornado se os centristas o tivessem aceitado.

Quando entrou no plenário sentiu que a atmosfera nos levaria à derrota e como tinha conflitos de entendimento em relação ao texto do Centrão, preferiu não encaminhar — justificou o líder Jarbas Passarinho. Na hora da votação, votei sim com a sensação de que não alcançamos os 280. No final, a rejeição foi o produto da intransigência do Centrão em não negociar.

Famoso pelos discursos em plenário e responsável pela reversão de muitos votos pela força de sua oratória, como na votação da duração do mandato do presidente da República, desta vez Jarbas Passarinho não

subiu à tribuna, para desespero dos líderes do Centrão. Enquanto o outro lado foram os ados cartuchos decisivos, com encaminhamentos feitos inicialmente pelo deputado Luiz Salomão (PDT/RJ) e no final pelo líder Mário Covas, os centristas tiveram de se contentar com a fraca argumentação dos deputados Gerson Peres (PDS/PA) e Bonifácio de Andrada (PDS/MG).

O Passarinho não quer fazer o encaminhamento — comunicava o líder Carlos Sant'Anna ao deputado Bonifácio de Andrada, ainda na fase de encaminhamentos — você vai ter que subir na tribuna e orientar o plenário no sentido de que não estamos querendo radicalizar, por que tem muita gente nossa tímida, pensando que estamos sendo intransigentes. Diz que depois de aprovarmos o texto do Centrão partimos para as negociações.

— E isso mesmo — completava o deputado Basílio Villani — a gente dá uma bordada neles nesta primeira votação e em seguida, aproveitamos que eles vão estar atordoados e negociamos com vantagem. No meio desta discussão aparece o deputado Cardoso Alves (PMDB/SP) e defende o nome do líder Carlos Sant'Anna para fazer a defesa do texto na tribuna. "E você que tem de falar". Se fala o Bonifácio que é do PDS, vamos ser mal vistos

PTB preferiu não seguir líder

O PTB entrou em plenário ontem com a proposta de prorrogar a sessão de votação do título da Ordem Econômica por 24 horas. O apelo do líder Gastone Righi (SP), para que sua bancada se abstinisse, sensibilizou apenas quatro parlamentares. Onze dos presentes optaram pela rejeição ao texto do Centrão e oito o apoiaram como texto base. Segundo Righi, a intenção do partido é forçar uma negociação que não significaria vitória nem da "intransigência do Centrão, nem da esquerda". Falou também que a partir de hoje pode acontecer um buraco negro na Constituição, caso os

partidos não cheguem a um acordo. Um dos pontos defendidos pelo PTB para que se obtenha o consenso sobre os temas mais polêmicos dessa fase, é a simples transferência dos mesmos para a legislação ordinária, onde seriam trancadas leis rígidas para empresas estrangeiras que exploram as riquezas minerais no País; e outras mais flexíveis — para os fabricantes de automóveis, por exemplo. Até o final da noite, entretanto, os diversos grupos dentro da Constituinte não esboçavam sinais de que poderia surgir qualquer tipo de acordo. O

por votarmos contra a liderança do nosso partido. Pelo menos você é do PMDB". Mas Carlos Sant'Anna também não cedeu a esta argumentação, alegando que o fato de ser o líder do Governo poderia complicar ainda mais a situação.

Já sem prazo para escalar outro parlamentar, Bonifácio de Andrada subiu à tribuna e seguiu à risca as orientações que lhe foram passadas por Carlos Sant'Anna. Mas o discurso do senador Mário Covas foi mais eficiente, o que foi sentido logo, com uma manifestação agitada do plenário, com palmas e gritos de "Brasil, Brasil, Brasil...".

A mobilização do Centrão foi boa, mas a catexese não — reconhecia ao final o líder Carlos Sant'Anna.

Do outro lado, saindo discretamente do plenário após a votação, o senador Jarbas Passarinho limitou-se a criticar o líder do PFL, José Lourenço. Quando estava sendo tentado o acordo, ele mandou que todos fossem para o raio que os parta, pois achava que não precisava negociar nada. Agora vocês têm de pedir ao José Lourenço que vá de joelhos conversar com o Covas", recomendou o senador, dirigindo-se ao senador Albano Franco, um dos articuladores do Centrão neste título da Ordem Econômica.

Abstenção foi a arma para o entendimento

Com o objetivo de abrir espaço para um acordo em torno da proposta do deputado Atila Lira (PFL-PI), constituintes do Grupo dos 32 decidiram abster-se ontem na votação do texto básico sobre a Ordem Econômica. A informação foi dada pela deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), para quem a proposta de Atila Lira reproduz o Hércules IV, trabalho elaborado pelo Grupo dos 32 antes da fase da votação em plenário. Também se absteram integrantes do grupo do entendimento, entre os quais os deputados Ronaldo César Coelho (PMDB-RJ), Alcení Guerra (PFL-PR) e José Maria Eymael (PDC-SP).

Ronaldo César Coelho interpretou a votação de ontem como a vitória do acordo contra a intolerância.

— Eu não queria dar a vitória à Comissão de Sistematização e nem ao Centrão, porque os dois textos são muito ruins. O Centrão sofreu a derrota da arrogância do líder do PFL, José Lourenço. Se eu votasse na Comissão de Sistematização — disse —, daria a vitória a ela, e isso significaria a vitória do confronto. Com a votação, não ganhou a arrogância do José Lourenço e nem o nacionalismo dos anos 50, o "Brasil, Brasil".

O deputado previu que hoje haverá ainda maior número de abstenções. Ele acredita que muitos que votaram contra o texto do Centrão não o farão hoje, esperando um acordo. Na mesma linha de Ronaldo César Coelho, o deputado José Maria Eymael comemorava:

— Foi uma vitória do entendimento.

CASAMENTO

Para o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos principais articuladores do Centrão, a votação evidenciou "como é terrível a miscigenação do capital nacional com a esquerda".

— É uma lua-de-mel, daqui a pouco acaba o interesse.

Cardoso Alves disse também que sempre admitiu a negociação na hipótese de impasse. Mas manifestou a sua convicção de que "as esquerdas, a química fina, a indústria farmacêutica, a indústria de informática, Antônio Ermírio de Moraes e esse pessoal todo vai querer vencer". Na opinião do deputado, os empresários não interessados em cartórios e em privilégios e que estão dispostos a correr os riscos do capitalismo moderno — como os representantes dos setores da agricultura e do comércio, citou — apoiaram o Centrão. — O empresariado está dividido. O pessoal que tem reserva de mercado não quer que ela caia.

Cardoso Alves referiu-se à "Imprensa radical de esquerda" que apresenta o Centrão como aliado do empresariado, observando:

— As vezes é, as vezes não é. Ou a entrevista de Antônio Ermírio de Moraes não esclarece? Ou a presença de empresários aí fora do plenário não esclarece?

Ele sustentou que não se pode fazer uma declaração de guerra ao capital estrangeiro, e concluiu:

— Agora está colocado o impasse, é hora de conversar. Antes não era, eu queria o texto básico do Centrão, meus destaques eram sobre ele. Agora, temos que resolver, acertar.

REJEIÇÃO

O líder do PCB, deputado Roberto Freire (PE), considerou a votação uma evidência de que a concepção sobre a Ordem Econômica não pode ser a do Centrão.

UDR espera o apoio de 380 constituintes

— A União Democrática Ruralista está empenhada para que pelo menos 520 constituintes estejam no plenário no dia da votação da reforma agrária. Com esse número, a UDR acredita que a proposta do Centrão, com integral apoio dos empresários rurais, terá 380 votos favoráveis. O presidente da entidade, Ronaldo Caiado, porém, garante que a UDR não se envolve na operação de mobilização dos constituintes. "Dizer isso é uma calúnia. Cabe às lideranças convocar seus liderados", afirmou ele.

Ronaldo Caiado não acredita mais em acordo sobre a questão da reforma agrária. "Não só acredito como também não recomendo", disse. Segundo Caiado, a UDR sentiu-se traída no momento em que a questão foi acordada para ser votada na Comissão de Sistematização.

Ari Cunha
VISTO, LIDO E OUVIDO

Donos de postos vão aumentar seu lobby

Pela segunda vez em menos de uma semana o gramado em frente ao Congresso Nacional foi tomado por mais de 40 faixas de protesto contra a ampliação da participação dos Transportadores Revendedores Retalhistas no mercado de combustíveis. Patrocinada pela Federação do Comércio de Derivados de Petróleo e Combustíveis, a manifestação foi apenas uma pequena demonstração do que os donos de postos de gasolina pretendem fazer nas próximas horas. "Chegarão aqui, diversos ônibus de todo o País lotados de frentistas e donos de postos. Quantos virão eu não sei dizer mas se vierem todos os que disseram, o gramado será pequeno", afirmou Hasko Riedel, um dos organizadores da prévia.

Os Transportadores Revendedores Retalhistas, por sua vez, continuavam a postos. Concentrados no salão verde, eles se mostraram otimistas com a possibilidade de ser aprovada uma fusão de emendas que mantenha o "espírito" da proposta de Rosenmann.

Também estiveram no Congresso na tarde de ontem os presidentes de algumas das grandes distribuidoras de derivados de petróleo no Brasil, todas multinacionais. Em conversas com constituintes, esses executivos reafirmaram sua posição contrária à nacionalização da distribuição do petróleo, cuja votação deve acontecer nos próximos dias.